

EVOLUÇÃO GEOTECTÔNICA DO MACIÇO DE JOINVILLE - PR E SC

O.Siga Junior

M.A.S.Basei

A.Machiavelli¹¹Pós-graduação - IG-USP - 1990 -

Neste trabalho, o Maciço de Joinville é mantido com as formas geográficas definidas por HASUI et al. (1975), porém, dentro de uma interpretação mais mobilista, representaria o agrupamento de três grandes domínios geológicos-geotectônicos distintos, denominados informalmente de Domínio Setentrional, Domínio Meridional e Domínio Costeiro.

O Domínio Setentrional é constituído preferencialmente por rochas gnáissico-migmatíticas, onde as unidades de anfibólio-gnaisses bandados, biotita-gnaisses e anfibolitos dividem, com ligeiro predomínio destas, as áreas de exposição, com gnaisses graníticos e migmatitos, cinza rosados a francamente róseos finamente foliados, maciços ou bandados, incluindo porções de granitóides deformados. Diversas gerações de granitóides tardi e pós-tectônicos cortam as rochas gnáissicas regionais (Agudos do Sul, Anhangava, Marumbi, Graciosa, Serra da Igreja, Morro Redondo, etc.).

Esses terrenos são em grande parte interpretados como representantes da infra-estrutura do Cinturão Ribeira que estaria jogada sobre os terrenos mais antigos do Domínio Meridional. Neste contexto, as rochas básicas e ultrabásicas que ocorrem nos arredores de Pien podem representar restos de material oceânico ofiolítico obductado, definindo uma possível sutura entre esses terrenos.

O Domínio Meridional representa a exposição de terrenos de alto grau de metamorfismo constituídos originalmente por uma suíte ígnea bimodal

incluindo, em menor parte, diferenciados básicos em meio aos granitóides tonalito-granodioríticos. Subordinadamente ocorrem gnaisses kinzigíticos, quartzitos, formação ferrífera bandada e migmatitos.

Esse domínio teve um comportamento estável durante a evolução das faixas adjacentes, permanecendo frio (idades K-Ar pré-brasileiras), enquanto lateralmente os cinturões sofriam os efeitos do ciclo Brasileiro.

O Domínio Costeiro ocupa a porção nordeste do Maciço de Joinville, sendo representado em grande parte por granitóides do Batólito Paranaguá, constituídos por rochas graníticas porfiróides intrusivas em gnaisses, migmatitos e xistos regionais.

É sugerida a correlação dos terrenos desse domínio com parte dos Cinturões Ribeira e Dom Feliciano, constituindo um grande cinturão colisional que balizaria toda porção costeira das regiões sul e sudeste do território brasileiro.

Vale acrescentar que diferenças marcantes entre os limites tectônicos dos Domínios Setentrional e Meridional do Maciço de Joinville e do Cinturão Dom Feliciano adjacente foram assinaladas através de um perfil térmico K-Ar. No contato norte verifica-se que há uma tendência de diminuição das idades de K-Ar nas rochas do Domínio Meridional rumo aos valores mais jovens obtidos em todo o Domínio Setentrional, com idades variando desde 1.700 Ma. ou mais antigas, para, rapidamente, atingirem idades de 500 Ma após escalas em 1.500-1.400 Ma. e 1.200 Ma. O contato sul mostra comportamento diferente, com idades antigas do Domínio Meridional permanecendo como tal até mesmo a sul das ocorrências do Grupo Itajaí, próximo algumas centenas de metros do contato norte dos metassedimentos do Grupo Brusque, com os valores situados no intervalo 2.000-1.700 Ma tanto em anfibólitos, plagioclásios como em biotitas.

As diferenças térmicas observadas nos terrenos antigos da porção meridional do Maciço de Joinville são interpretadas como resultantes das diferenças características das nappes que aí atuaram. O limite sul indica uma grande superposição entre os terrenos do Cinturão Dom Feliciano e as porções subjacentes do Maciço de Joinville, sugerindo, desta forma, um contacto frontal a frio entre essas duas entidades geotectônicas. Por outro lado, o limite norte indica a justaposição, com um contacto bem mais inclinado, dos terrenos do Domínio Setentrional (representantes em parte da infra-estrutura

do Cinturão Ribeira) com os terrenos antigos do Domínio Meridional.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

HASUI, Y.; CARNEIRO, C.D.R.; COIMBRA, A.M. (1975) The Ribeira Folded Belt.
Rev. Bras. Geoc. 5(4):257-266.